

DOCUMENTAL

Fonte JB

Data 21/07/99 Pg 5

Class. 0000

Fome mata 4 índios

JOSÉ MITCHELL

PORTO ALEGRE – Técnicos da Fundação Nacional do Índio (Funai) viajam hoje de Chapecó (SC) para a região de Erechim (RS), onde quatro crianças da tribo caingangue morreram de desnutrição e duas foram internadas em estado grave no hospital comunitário de Nonoai, região norte do estado. Além da falta de comida, causada pela redução da entrega de cestas básicas, os índios enfrentam o problema da falta de saneamento básico.

Entre os 3.500 cainganges da reserva Nonoai, 1.500 são crianças de até sete anos. As quatro que morreram tinham entre três meses e dois anos de vida e viviam nas aldeias de Nonoai e de Bananeiras, na mesma área.

Dezenas de crianças indí-

genas sofrem de doenças respiratórias, diarreia e gripe, além de desnutrição. A situação é agravada pelo inverno e pela chuva que cai torrencialmente nos últimos dias no estado.

A coordenadora-adjunta da 19ª Delegacia da Saúde do estado, Clarita de Souza, promoveu uma investigação epidemiológica nos últimos dias nas aldeias. O levantamento comprovou problemas de falta de alimentação e de saúde entre as crianças cainganges.

Nessa mesma época do ano passado, ocorreu a morte de várias crianças indígenas nos municípios de Redentora, Miraguaí e Tenente Portela, na região norte do estado, também devido a problemas de desnutrição.

Parte dos cainganges se tornou nômade, como os gua-

ranis, vivendo quase como mendigos nas cidades. É o que acontece há dois meses em Caxias do Sul (RS). Mais de 50 índios se instalaram nas calçadas da cidade em precárias barracas de lona preta que não os protegem das fortes chuvas que vêm caindo nos últimos dias.

O cacique Ornélio Ribeiro confirmou que os índios dormem no piso de concreto das calçadas, cobertos por jornais e pedaços de papelão. As crianças andam sem sapatos pelas ruas, ajudando os pais a vender artesanato, forma de sobrevivência dos cainganges. Os índios não aceitaram ir para um albergue oferecido pela prefeitura de Caxias do Sul. "Precisamos ficar perto da rodoviária para continuar viagem na venda de artesanato", alegou o cacique Ornélio.